

VESTÍGIOS DE LAMPIÃO NO SERTÃO DO SÃO FRANCISCO: OS CANGACEIROS DE PAULO AFONSO – BA

Isabela Mouradian Amatucci

Mestra em História Social pela Universidade de São Paulo – FFLCH/USP

isabela.amatucci@gmail.com

Resumo:

Este artigo aponta para a apreensão e memorização dos vestígios deixados por Lampião e seus cangaceiros na região do sertão do Rio São Francisco, área frequentada pelo cangaceiro a partir de 1928, particularmente na cidade de Paulo Afonso - BA. Entendo que o cangaço lampiônico, caracterizado pelo nomadismo, mobilidade e ubiquidade, engendra uma forma de memorização similar à sua atuação, que denomino de memória espectral. Lampião, como um espectro, esteve presente em locais por onde não passou e na vida de pessoas que não conheceu, deixando vestígios materiais e imateriais de sua passagem. Os Cangaceiros de Paulo Afonso, grupo de homens e mulheres que se trajam de *cangaceiros* e *volantes* durante o carnaval, significam os vestígios imateriais do cangaço ao dar vida a uma narrativa criada com base em suas experiências com o fenômeno. Com o passar dos anos e gerações, a narrativa tornou-se um outro *cangaço*, mantendo elos com o fenômeno histórico, mas que adquiriu seus próprios contornos. Assim, o grupo memoriza o cangaço através da vivência de suas memórias.

Palavras-chave: Cangaceiros de Paulo Afonso; Cangaço; Memória; Rio São Francisco; Paulo Afonso.



VESTIGES OF LAMPIÃO IN SÃO FRANCISCO HINTERLANDS: THE CANGACEIROS DE PAULO AFONSO – BA

Isabela Mouradian Amatucci

Mestra em História Social pela Universidade de São Paulo – FFLCH/USP

isabela.amatucci@gmail.com

Abstract:

This article focuses on the apprehension and the meaning given to the traces left by Lampião and his cangaceiros in the São Francisco hinterland's, region especially frequented by the cangaceiro since 1928 until 1938, particularly in the county of Paulo Afonso - BA. My understanding is that the cangaço lampiônico, characterized by its nomadism, its mobility and ubiquity, engenders a memorization similar to his actions, which I call spectral memory. Lampião, as spectrum, was present in places where he did not pass and in lives of people whom he didn't meet, leaving material and immaterial traces of his passage. The Cangaceiros de Paulo Afonso, a group of men and women who dress up as *cangaceiros* and *volantes* during the carnival, signify the immaterial vestiges of the cangaço by giving life to the narrative created based on their experiences with the phenomenon. Over the years and generations, the narrative has become another *cangaço*, maintaining ties with the historical phenomenon, but has acquired its own contours. The group memorizes the cangaço living their memories of the phenomenon.

Keywords: Cangaceiros de Paulo Afonso; Cangaço; Memory; Rio São Francisco; Paulo Afonso.



Em agosto de 1928 é dada a notícia de que Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião, havia cruzado a margem direita do Rio São Francisco e se encontrava em terras baianas pela primeira vez como cangaceiro (FONTES, 2010, pp. 15-16, 23)¹. A partir dessa data, o cangaço lampiônico² ganha um novo fôlego, perdurando até 1938, quando morre Lampião. São precisamente estes últimos dez anos da vida do “rei do sertão”³ que conformam o imaginário popular do cangaço, principalmente Brasil afora. Após a imersão no estado baiano, o cangaço sofre modificações importantes, como a abertura do bando para a entrada de mulheres, o que acarreta a incrementação imagética, expressa nos trajes e adornamentos dos cangaceiros (JASMIN, 2016, p. 138). É o cangaço de Maria Bonita e Lampião, dos bornais floridos, das medalhas de ouro e estrelas nas abas dobradas dos chapéus, tão retratados nos inúmeros souvenirs e outras atrações turísticas pelo Nordeste – assim como em outros estados do Brasil – e na extensa filmografia sobre o tema, que abunda a partir de 1950⁴. Em 1936, o fotógrafo e cineasta Benjamin Abrahão registra as primeiras e últimas imagens em movimento de Lampião, Maria Bonita e seus companheiros, imagens que hoje rodam toda a extensão do sertão nordestino, como também os domínios imateriais da internet.

A entrada de Lampião na Bahia pode ser entendida como um dos últimos recursos do cangaceiro, que fugiu durante grande parte do ano de 1927 após a tentativa falha de tomada de assalto da cidade de Mossoró - RN. De 1927 a 1928, inúmeros cangaceiros foram presos ou se entregaram às forças da lei. Lampião partiu para a Bahia acompanhado de meia dúzia de homens. Esse número, contudo, cresceria rapidamente. Lampião refez todo o seu reinado, estabelecendo uma rede nova de coiteiros, fornecedores e cangaceiros. O período compreendido

¹ O presente artigo é um desenvolvimento da minha dissertação de mestrado (AMATUCCI, 2020), feita a partir de sucessivos trabalhos de campo no município de Paulo Afonso junto aos Cangaceiros de Paulo Afonso.

² Muitos estudiosos do cangaço identificam variantes nas formas de expressão do fenômeno, conforme seus diferentes expoentes. É lugar comum que o cangaço de Lampião guarda especificidades que o distingue de outros cangaceiros e chefes de bando. Os conceitos mais reproduzidos sobre diferentes tipos de cangaço são aqueles compilados por Mello (2011), que assinala três expressões e motivações distintas para a vida em armas: o cangaço meio-de-vida, cangaço-refúgio e cangaço-vingança. Jorge Villela (1999) aponta para diferenciações assinaladas ainda contemporaneamente ao fenômeno, bem como outras de relevância no campo, como as de Maria Isaura Pereira de Queiroz. Tendo a concordar com a diferenciação entre cangaços e expoentes, mas, sobretudo, concordo com a particularidade espacial do cangaço de Lampião conforme discorre Villela. Para todos os efeitos, o cangaço histórico considerado neste artigo é aquele empreendido por Lampião e os subgrupos sob seu comando.

³ As marcações itálicas serão utilizadas para os termos utilizados pelos Cangaceiros de Paulo Afonso, bem como para diferenciar o *cangaço* dos sujeitos em questão do cangaço histórico (ocorrido em fins do século XIX até a segunda metade do século XX). Termos, citações e referências próprias da bibliografia serão aspeadas.

⁴ De acordo com levantamento realizado a partir da palavra chave ‘cangaço’ na base da Filmografia Brasileira - Cinemateca Brasileira. Disponível em: <http://bases.cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=p>. Acesso em: 18 dez. 2020.



entre 1928 e 1938 é conhecido como a segunda fase do cangaço lampiônico (MOURA, 2008; LUSTOSA, 2014). O ano de 1928 é considerado o momento do ressurgimento do cangaceiro após o ataque à cidade de Mossoró, grande invertida em sua carreira até então. A década, de modo geral, é marcada por grandes acontecimentos na vida de Lampião, que são evocados em diferentes localidades do sertão do Nordeste por diferentes agentes de memorização.

Este artigo pretende apresentar uma das formas de memorização do cangaço no sertão do Rio São Francisco, área privilegiada pelas ações de Lampião a partir de 1928. Memorização esta que será analisada considerando a forma de atuação do cangaceiro. Em Paulo Afonso, município baiano margeado pelo Velho Chico, um grupo de homens e mulheres se traça todos os anos de *cangaceiros*, *cangaceiras* e *volantes*, há mais de meio século. Os Cangaceiros de Paulo Afonso, como se denominaram, percorrem as ruas da cidade, durante o carnaval, cantando, tocando e festejando a *vida de cangaceiro*. Durante o período de festa, *volantes* e *cangaceiros* perfazem trajetos diferentes, encontrando-se nas ocasiões de *combate* quando travam lutas entre si, munidos de espingardas carregadas com balas de festim e punhais de madeira, modificando a paisagem da cidade. A festa se encerra na terça-feira de carnaval com a *morte de Lampião*, apresentada aos habitantes de Paulo Afonso. Meu intento é mostrar como um grupo de pessoas apreendeu o cangaço através dos vestígios deixados pelo fenômeno histórico, memorizando-o de maneira singular, e apontar como o estudo de caso dos Cangaceiros de Paulo Afonso revela pontos onde a memória e a história se conectam e se separam.

Cangaço e memória espectral

A segunda fase do cangaço é marcada por muitos acontecimentos relevantes na vida do “rei do sertão”⁵. Mas para além dos fatos que entraram para os anais da história do cangaço, – como o encontro entre Lampião e Maria Bonita, a morte do último de seus irmãos que o seguiu no

⁵ Cabe perguntar em que sentido são marcantes os acontecimentos ocorridos na vida de Virgulino Ferreira da Silva após 1928, uma vez que o cangaceiro teve sua vida inteira recheada por inúmeros fatos que poderíamos julgar relevantes – e, evidentemente, não é possível saber o quão relevantes de fato foram para Lampião. Assim, por acontecimentos marcantes, entendo os acontecimentos que deixaram suas marcas na historiografia do fenômeno, bem como marcaram a memória dos habitantes da região compreendida na movimentação do cangaceiro no período.



cangaço e sua própria morte – após 1928 há uma mudança na forma de atuação de Lampião no espaço. A mobilidade e movimentação do cangaceiro pelo território dos sertões nordestinos é uma das principais características definidoras de seu cangaço. Conforme apontam Marques e Villela (1999), cangaço é um banditismo nômade. Por nômade, leia-se, aquele que “produz território” ao introduzir diferenciação no espaço – quebrar a organização espacial regida pela lógica dos assentamentos sedentários (MARQUES, VILLELA E BROGNOLLI, 1999, p. 19). No caso do cangaço lampiônico, trata-se da quebra da lógica espacial e do ordenamento urbano das cidades, povoados e municípios dos sertões nordestinos. Não se trata de uma oposição pura e simples ao que entendemos comumente como sedentário, fixo. No limite, ao não se fixar, o nômade amplia sua territorialização para a extensão total do espaço (MARQUES, VILLELA E BROGNOLLI, 1999, p. 25). Entender isto é fundamental para entender a abrangência das ações de Lampião comparativamente aos locais onde o cangaceiro esteve – o cangaceiro também habitou, no sentido de que esteve presente, os lugares onde não passou fisicamente, porque exerceu uma forma de domínio ou jugo sobre tais locais. Lampião não era um bandido em fuga – ainda que tenha fugido muitas vezes –, mas alguém cuja movimentação não foi majoritariamente regida por deslocamentos ordinários e cotidianos, como a ida de um ponto fixo a outro em razão de quaisquer objetivos. A manutenção do deslocamento configura o devir em si. Ainda que Lampião e seus cangaceiros tivessem razões para ir a determinado lugar e acabassem gravitando entre “núcleos de poder” constituídos (VILLELA, 1999, p. 180) – potentes locais e/ou áreas de influência de um ou outro coronel dos sertões nordestinos⁶ –, caso tais núcleos desaparecessem, a mobilidade dos cangaceiros não era comprometida e outros rumos eram tomados.

Lampião habituou-se de forma singular aos territórios dos sertões nordestinos, criando refúgios, paradas, homizios onde não existiam, traçando caminhos e rotas onde antes não havia. Esforçava-se, pois, para manter os espaços que habitava livres de quaisquer fatores extrínsecos ao bando. Conforme pontua Marques, “O corte sistemático de linhas telegráficas e toda sorte de danos causados às obras rodoviárias e aos trabalhadores engajados nessa atividade respondem à preocupação cangaceira em manter uma qualidade do espaço que se relacionava com o modo de ocupação que lhe era exclusivo.” (1999, p. 121-122). O nomadismo

⁶ Por coronel, me refiro aquele que detém poder político (influência sobre as forças policiais locais, aparato jurídico) e meios e riquezas materiais (terras; acesso a armamentos e mantimentos).



característico dos cangaceiros dificultava, assim, a tarefa de perseguição das forças volantes, que ao contrário daqueles, não habitavam os sertões.

Até o ano de 1927, Lampião havia percorrido grandes extensões territoriais. Se a área de atuação privilegiada do cangaceiro no início dos anos 1920 era a região do sertão do Pajéu em Pernambuco – região de seu nascimento e primeira infância –, até o ano de 1927 essa área se estenderia à Paraíba e ao Rio Grande do Norte (VILLELA, 1999). Com o recrudescimento das perseguições ao cangaço após o fracasso do ataque à Mossoró, ao entrar na Bahia, Lampião restringe sua atuação, mantendo-se dentro dos limites dos estados de Sergipe, Alagoas e Pernambuco⁷ até o fim de sua vida. Portanto, há um deslocamento do eixo de atuação do cangaceiro para outra porção dos sertões nordestinos. Em si, a entrada na Bahia, denominada “movimentação territorial de emergência” por Vilella (1999, p. 221), é um momento de rara estabilidade do cangaceiro no que diz respeito à sua mobilidade. Por alguns meses, Lampião manteve seus deslocamentos próximos às fazendas do primeiro coiteiro baiano, o coronel Petronillo Reis (VILLELA, 1999, pp. 204-205). Ao que tudo indica, estes primeiros meses na Bahia foram os meses em que o cangaceiro se apresentou ao estado da Bahia, constituindo novas redes de apoio, fornecedores, cangaceiros e amizades com o povo baiano (VILLELA, p. 225-226). As primeiras impressões deixadas por Lampião foram positivas até que se deu o primeiro choque com a polícia baiana, na vila de Massacará, em dezembro de 1928 (FONTES, 2010, p. 45).

Conforme apontam Marques (1999, p. 109) e Chandler (1980, p. 99), Lampião era uma pessoa sociável e generosa. Não raro bancava os custos de casamentos e festas sertão afora, bem como quase sempre pagava pelos gastos dos cangaceiros nos locais onde eram servidos. Fazia amizade com facilidade. Na literatura sobre o cangaço, popular e erudita, abundam referências às moedas que Lampião atirava à população. Do mesmo modo, o cangaceiro sabia se fazer temido: cumpria as ameaças feitas àqueles que desobedecessem a suas ordens, sendo atribuída à sua autoria as mais terríveis ações. Vilella (1999 p. 199) ressalta o fato de que Lampião “vendia proteção” ao garantir que ele próprio não atacaria as terras de pequenos, médios e

⁷ Em 1922, os estados da Paraíba, Ceará, Pernambuco e Rio Grande do Norte assinam um convênio interestadual de combate ao cangaço, permitindo com que as forças volantes ultrapassassem os limites de seus estados quando em perseguição. Em 1935, os estados da Bahia, Alagoas e Sergipe aderem ao convênio. A passagem de um estado a outro foi utilizada como tática de diversos bandos de cangaceiros ao longo da vigência do fenômeno. Ademais, a assinatura tardia do convênio pelo estado da Bahia é uma das razões apontadas para a entrada de Lampião no estado em 1928.



grandes proprietários. Como discorre Marques (1999, p.112), Lampião dispunha “(...) como o coronel, da violência e da benevolência, da punição e da graça.” A diferença, contudo, é a área de influência do coronel dos sertões nordestinos e de Lampião. Este se beneficiava dos poderes daquele – não há quaisquer dúvidas sobre isto –, mas os poderes de Lampião se estendiam por dimensões físicas e metafísicas muito maiores – são poderes que se estenderam temporalmente também, marcando as gerações subsequentes ao período de sua vida. Em outras palavras, ainda que os coronéis do sertão exercessem seus domínios sobre a população de suas localidades, por vezes ultrapassando os limites de seus municípios e estados, Lampião exerceu o domínio sobre o imaginário dos viventes dos sertões de diversos estados nordestinos por décadas a fio.

A população sertaneja fazia parte do mundo do cangaço e ouvia e repassava as histórias, anedotas e causos do cangaceiro e seus companheiros – mesmo aqueles que nunca viram o bandoleiro também compartilhavam suas histórias. Essa presença de Lampião, que denomino agora de espectral, decorre da forma de atuação do cangaceiro, caracterizada por três aspectos que forjavam seu caráter ‘ubíquo’, conforme assinala Prata (1934), citado por (MARQUES, 1999, p. 137): a sua mobilidade pelo território – rápidos, extensos, constantes e, muitas vezes, invisíveis deslocamentos –; a divisão de seu bando em subgrupos, que atuavam concomitantemente em localidades diferentes, por vezes longínquas entre si; e o controle de informações por parte dos cangaceiros (MARQUES, 1999, p.129), que recolhiam informações e notícias entre os sertanejos e entre seus coiteiros, ou quando difundiam boatos falsos sobre si mesmos, com a finalidade de invadir de surpresa um povoado ou modificar a rota de uma força volante em seu encalço (FONTES, 2010, pp.27-188-328-333). Todos esses três aspectos agiram reciprocamente para a manutenção do cangaço lampiônico.

O controle que Lampião exercia sobre informações e notícias de si mesmo e seu bando, somado a sua capacidade de surgir em locais de modo inesperado são fatores que contribuem para o caráter espectral de sua atuação. Não foram poucas as vezes em que notícias sobre o paradeiro do bando do cangaceiro foram veiculadas por jornais da época: “(...) conforme informação segura (...) Lampeão percorre audaciosamente o sertão bahiano (sic)” (*Jornal do Recife*, 15 de jan. 1931). As fontes de notícias como essa eram – e só poderiam ser – as informações que corriam entre a população sertaneja, que eram ou informadas diretamente aos jornais ou às autoridades locais e forças volantes. Os embates e encontros entre cangaceiros e forças volantes também eram noticiados com frequência. Contudo, nem todas as notícias sobre o paradeiro de



Lampião eram verdadeiras: ou tratava-se de um dos subgrupos de seu bando, ou era uma notícia falsa, por vezes veiculada pelos próprios cangaceiros. Esses boatos e notícias difundidas pelo sertão não apenas serviam para desmobilizar destacamentos volantes, mas ocasionaram, muitas vezes, a fuga de pequenos e médios fazendeiros, ou habitantes do sertão (MARQUES, 2013). A notícia da aproximação de Lampião, fosse ela verdadeira ou falsa, gerava acontecimentos. A própria entrada de Maria Bonita no cangaço teria ocorrido a partir da notícia da vinda de Lampião e a curiosidade da jovem em conhecê-lo. Seja isto verdade ou não, o que interessa é o fato de que sua presença – ou apenas a notícia/possibilidade de sua presença – não passava incólume. É neste sentido que afirmo que Lampião era um espectro sobre o sertão, uma presença constantemente sentida, ainda que não estivesse fisicamente presente (AMATUCCI, 2020). Lampião poderia aparecer a qualquer momento. Estava presente em lugares dos sertões por onde não havia passado, habitando o repertório cultural, histórico e mnemônico de pessoas que nunca o viram. A memória de Lampião também é espectral: “não era preciso conhecer o cangaceiro para viver no mundo do cangaço” (AMATUCCI, 2020, p. 144). Ainda hoje, o cangaço e a vida de Lampião são motivos de conversas (MARQUES, 2013), por vezes tópicos de discussões acaloradas, assim como a filiação de seus debatedores à “memória do cangaço” ou à “memória volante”, conforme aponta Araújo Sá a partir das conversas com sertanejos do vale do sertão do São Francisco acerca de suas memórias sobre o fenômeno (2011, p. 100). No sertão dos anos de 1930, bem como nos dias correntes, é raro encontrar alguém que não conheça uma história ou não tenha uma opinião a emitir sobre o fenômeno do cangaço⁸.

Paulo Afonso e o Cangaço

Paulo Afonso⁹ é um município localizado à margem direita do Rio São Francisco, que faz divisa com os estados de Alagoas e Sergipe. A emancipação política do município data de 1958, portanto 20 anos após a morte de Lampião. Durante a vida do cangaceiro, era um pequeno arraial de passagem e paradas de boiadas, em razão da Cachoeira de Paulo Afonso, oásis do

⁸ Durante o período da minha pesquisa de mestrado (2016-2019) era muito comum que, ao discorrer sobre o tema da dissertação, os habitantes de Paulo Afonso me contassem histórias de família, causos sobre um ou outro parente que teve contato com Lampião, que foi coiteiro ou acusado de ter sido coiteiro pela força volante etc.

⁹ Não confundir com o atual município de Mata Grande, em Alagoas, que era nomeado como Paulo Afonso durante o período de 1870 a 1929.



sertão do São Francisco. Dos 74 povoados rurais que hoje são parte do referido município, nove deles são berço de 30 cangaceiros e cangaceiras que atuaram no bando após 1928 (LIMA, 2013). Uma das mais conhecidas cangaceiras, Maria Bonita, nasceu na Malhada da Caiçara, área rural do atual município, local onde conheceu Lampião. O cangaceiro também frequentou o atual parque ecológico Raso da Catarina, conforme apontam estudiosos e pesquisadores do cangaço, entre outras fontes (VILLELA, 1999; FONTES, 2010; LIMA, 2013).

Lampião estivera pela região antes de tornar-se cangaceiro, durante sua juventude, quando desempenhava serviço de almocreve para seu pai (FONTES, 2010; CHANDLER, 1980). Conheceu-a ao vender peles para Delmiro Gouveia, jovem industrialista da região. Delmiro foi o primeiro homem a utilizar a força da Cachoeira de Paulo Afonso. Construiu uma pequena usina hidrelétrica para gerar energia à sua fábrica de linhas, ambas localizadas na cidade Pedra, em Alagoas – renomeada como Delmiro Gouveia em 1943. O projeto da usina foi ampliado e retomado em 1945, a partir do decreto presidencial de Getúlio Vargas, que cria e autoriza a Companhia Hidro Elétrica do São Francisco¹⁰ (doravante Chesf) a construir um grande complexo hidrelétrico utilizando todas as quedas da Cachoeira. O então povoado de Forquilha, como foi denominado o núcleo inicial do atual município de Paulo Afonso, começa a crescer, tornando-se um polo atrativo para inúmeros migrantes sertão afora – principalmente dos estados de Sergipe, Alagoas, Paraíba e Pernambuco, bem como de outras partes do estado da Bahia – em busca de empregos gerados pela construção da usina, que efetivamente se iniciou em 1948. Em 1956, em razão da importância que a cidade adquirira, Paulo Afonso emancipa-se de Santo Antônio da Glória, alcançando status de município.

Para viabilizar a construção do complexo hidrelétrico, a Chesf criou uma área dentro do território da atual Paulo Afonso que serviu como residência de alguns de seus funcionários, com serviços básicos de saúde e educação, administrativos e recreativos – posto que, na ausência de infraestrutura municipal, os trabalhadores residiam na cidade vizinha, Delmiro Gouveia. Esta área foi denominada de Acampamento Chesf e foi contornada por um extenso muro de pedras – derrubado apenas em 1979 (SILVA, 2014) –, que impedia a passagem de qualquer indivíduo que não fosse funcionário da empresa. Dentro do território chesfiano também havia uma hierarquia rígida que classificava os funcionários entre aqueles “mais

¹⁰ A Chesf nasceu como uma empresa de capital misto, sendo a maior parte de suas ações pertencentes ao Estado brasileiro, que detinha o poder de nomear seu corpo diretivo.



qualificados” – geralmente engenheiros ou aqueles com ensino superior – e aqueles “menos qualificados” – o operariado, que desempenhava o trabalho braçal da construção e manutenção da usina. Para a alta camada chesfiana, havia espaços de sociabilização específicos e diferenciados dos espaços do operariado. Ao redor do Acampamento, com o crescimento da cidade para além dos muros, formou-se um pequeno povoado denominado Vila Poty – sendo Poty o nome dos sacos de cimento que serviam como cobertura das casas dos trabalhadores que ali residiam. O bairro reunia parte do operariado da Chesf, bem como trabalhadores não chesfianos. A Vila Poty e as regiões adjacentes a ela, juntamente com o Acampamento Chesf, passariam a se chamar Paulo Afonso em 1953.

É importante assinalar que a Chesf criou a infraestrutura do município de Paulo Afonso, ainda que os serviços criados fossem restritos aos seus funcionários. A empresa criou a base para os serviços de saúde e educação, assim como monumentos e atrativos turísticos da área urbana do município. A Chesf se constituiu como um entreposto “moderno” no meio do sertão “arcaico” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, pp. 133-145). Paulo Afonso é constantemente lembrada, por sertanejos de outras regiões do Nordeste brasileiro, pela abundância das águas do São Francisco e pela tecnologia da usina hidrelétrica – cabe também lembrar que o slogan da cidade é “Paulo Afonso, Terra da Energia”, mantendo-se o mesmo ao longo de administrações diferentes. Não é surpresa que a Chesf tenha detido a narrativa principal da formação do município do Paulo Afonso, ao constituir os espaços de sociabilização, de lazer, ao definir quem tinha acesso aos serviços e quem não tinha. Em outras palavras, definiram quem fazia parte ou não daquele progresso. Como alternativa à esta narrativa, os Cangaceiros de Paulo Afonso constituíram uma narrativa própria, baseada nas experiências anteriores à migração para Paulo Afonso, enraizando o mundo do cangaço no município.

Os Cangaceiros de Paulo Afonso, a narrativa do cangaço e o (re)viver da memória

Os Cangaceiros de Paulo Afonso surgiram como um bloco carnavalesco formado por operários da Chesf em 1956. Se oficializaram como Associação Folclórica e Comunitária Cangaceiros de Paulo Afonso apenas em 1988. O carnaval era uma das festas que ocorriam dentro das dependências da Chesf, no Clube Paulo Afonso e no Clube Operário de Paulo Afonso, festas estas restritas aos chesfianos, que frequentavam os clubes de acordo com as classificações



internas da empresa. Os primeiros *cangaceiros*¹¹ eram operários da usina, migrantes de diferentes partes dos sertões nordestinos. Destaca-se o escafandrista de 22 anos de idade, Guilherme Luís dos Santos, nascido em Carira, no sertão de Sergipe, que foi o primeiro *Lampião* do grupo, mantendo-se em tal *cargo* durante quase toda sua vida. A Seu Guilherme é creditada, pelos atuais membros dos Cangaceiros de Paulo Afonso, a transposição da barreira física do muro de pedras, pois o jovem foi buscar na Vila Poty outros membros para compor o *bando* de *cangaceiros*.

Essa primeira geração de *cangaceiros* cresceu ouvindo as histórias sobre o cangaço histórico. Compartilhavam entre si suas experiências com o fenômeno. Seu Guilherme afirmou durante toda sua vida que quando criança foi levado por um curto período pelo bando de Lampião, aonde havia subido no cavalo de Maria Bonita e presenciado encontros entre os cangaceiros e as forças volantes – essa seria a inspiração para o grupo de *cangaceiros* que constituiu mais tarde. Assim como Seu Guilherme, outros *cangaceiros* da primeira geração relataram encontros, histórias e causos familiares sobre o cangaço histórico, conforme aponta Clemente (2003, p. 85- 86, 90 -92 e 95). Isto tudo conformava o repertório de experiências dessa primeira geração. Como assinala Walter Benjamin (1983, p. 57), a narrativa organiza a memória, “tanto das nossas memórias vividas como daquelas apreendidas” (AMATUCCI, 2020, p. 59) e é a partir da troca dessas experiências, do constante narrar, compartilhar, que os sujeitos em questão criaram uma narrativa do cangaço. Esta narrativa contemplava partes e pessoas relevantes da vida de Lampião: o encontro do cangaceiro com Maria Bonita; o festejar, tocar e dançar entre cangaceiros; os cangaceiros que acompanharam Lampião por quase toda a vida; os encontros com as forças volantes; a perseguição; a constituição de território; e a morte na Grota de Angico. A narrativa se manteve praticamente inalterada desde 1956 até os dias de hoje. Com o passar do tempo, os agentes, que se tornaram narradores do cangaço, passaram a experimentar a narrativa, fazendo um outro *cangaço*.

Durante o carnaval, o grupo se divide em dois: *cangaceiros* e *volantes* – nos anos iniciais, não havia *volantes*, pois não tinham membros suficientes. Assim separados, percorrem trajetos diferentes, encontrando-se para os combates. Nestas ocasiões, é comum que *cangaceiros*

¹¹ Para as referências sobre os primeiros anos dos Cangaceiros de Paulo Afonso, destaco a importância da dissertação de mestrado de Marcos Edilson de Araújo Clemente (2003). A fonte majoritária para o relato que segue é a etnografia do grupo que constitui a partir dos trabalhos de campo realizados em Paulo Afonso nos anos de 2016, 2017, 2018 e 2020.



tomem *volantes* como prisioneiros e vice-versa. Esses prisioneiros são então obrigados a passar o dia com o grupo antagônico, sofrendo troças e zombarias das mais diversas. Os combates são momentos em que muitas vezes a rivalidade historicamente pressuposta entre *cangaceiros* e *volantes*, ganha espaço e assume formas mais agressivas, podendo se desdobrar em brigas e querelas que somente serão resolvidas no ano seguinte – do mesmo modo, a animosidade pode ser construída ao longo do ano e explodir no carnaval. Ainda que muitos dos combates sejam espontâneos, passaram a ser combinados previamente como uma forma de acalmar os ânimos e a rivalidade crescente entre os dois subgrupos durante o carnaval.

Cada subgrupo tem um *comando* que é constituído por aqueles que devem chefiar e orientar *cangaceiros* e *volantes* durante o carnaval. O *comando do cangaço* é composto por *Lampião*, *Maria Bonita*, *Corisco* e *Dadá* – estes dois últimos foram, historicamente, *cangaceiros* importantes do bando de *Lampião*. O *comando da volante* é composto pelo *Capitão*, *Tenentes*, *Sargentos* e *Cabos* – com exceção do *Capitão*, todas as outras patentes tem representantes mulheres e homens. Os *comandos* são responsáveis por assegurar a segurança de seus comandados, bem como conter os excessos entre *cangaceiros* e *volantes*, *volantes* e *volantes*, *cangaceiros* e *cangaceiros*, e ambos os subgrupos em relação à população da cidade. A Associação Folclórica e Comunitária Cangaceiros de Paulo Afonso tem uma diretoria constituída por um presidente, vice-presidente, dois tesoureiros, um diretor de sede, um diretor de cultura e um diretor de esportes – os cargos são eleitos mediante votação de chapas que ocorre de dois em dois anos. Entretanto, durante o carnaval, o poder de mando da diretoria é suplantado, dando lugar ao poder dos *comandos*. Em outras palavras, o tempo do carnaval instaura suas próprias regras¹², alheias à organização do grupo durante o resto do ano, e o *bando* e a *força volante* obedecem aos seus respectivos chefes. Isto é reconhecido pela diretoria que evita entrar em grandes conflitos com o *comando*, a não ser que seja extremamente necessário. De todo modo, do *comando*, e principalmente de seus *capitães*, é esperado, por parte do grupo e por parte da diretoria, uma certa conduta que em muito reflete a atuação do primeiro *Lampião*, Seu Guilherme – falecido em 2013 –, e de alguns *capitães da volante*, especialmente o *capitão*

¹² Entendo que a festa instaura um tempo de exceção em relação ao tempo cotidiano, discernindo-se dele por se caracterizar como um tempo qualitativo, onde a marcação em minutos e horas perde o sentido, dando espaço a outras marcações, de fundo simbólico – como por exemplo o ano novo, onde a virada do ano é carregada por sentimentos, lembranças e expectativas para o futuro que não se resumem a troca de ano (HUBERT, 2016). O carnaval, por sua vez, é caracterizado por uma subversão da ordem social, de modo a permitir certos acontecimentos estranhos ao cotidiano (DA MATTA, 1979).

falecido no ano de 2017, que manteve o cargo por longos anos também. A conduta deve refletir a austeridade, a liderança, a força, a lealdade e a justiça – características que também se assemelham à imagem de Lampião para muitos sertanejos. Essas figuras são constantemente invocadas em tempos de crise, como o adoecimento de um ou outro *cangaceiro/cangaceira* ou *volante*; quando há questões concernentes à moralidade de um membro dos *comandos* ou algum acontecimento que careça de arbítrio; ou quando há uma crise externa ao grupo, como problemas com a municipalidade e a arrecadação anual para o festejo de carnaval¹³. É também nas solenidades fúnebres, em aniversários, entre outras, que os mortos dos Cangaceiros de Paulo Afonso são trazidos à tona. Quando morre um *cangaceiro* ou *volante*, o grupo faz um cortejo, trajados de acordo, entoando as canções de adeus do grupo até o cemitério, onde dão uma salva de tiros em homenagem ao morto. Em algumas ocasiões, *cangaceiros* e *volantes* são velados e enterrados trajados como tais. Como forma de lembrar os que já foram, o trajeto de carnaval compreende sempre a passagem na casa dos finados. Seu Guilherme se mistura, então, com Lampião, tornando-se, para todos efeitos, o *Lampião* que os Cangaceiros de Paulo Afonso reconhecem e recorrem em tempos de incerteza¹⁴.

Quando não se encontram, *cangaceiros* e *volantes* fazem paradas nas *fazendas*, que representam os locais onde cangaceiros históricos se homiziavam. Nas *fazendas*, comem e bebem à vontade. É impossível conceber o carnaval sem que haja o que comer e, principalmente, o que beber. A abundância é resultado das conquistas do grupo perante a cidade de Paulo Afonso. Nos primeiros anos, muitos dos habitantes tinham medo dos *cangaceiros*, pensando que eram “*cangaceiros de verdade*”, de modo que fechavam suas portas quando o bando passava. A dinâmica das *fazendas* não era como hoje, as pessoas não estavam dispostas a receber *cangaceiros* e *volantes* em suas casas. Tampouco havia dinheiro suficiente para comprar comida – “eram dois litros de 51 e uma galinha para vinte homens”, me contou o *cangaceiro Pitombeira* (AMATUCCI, 2020, p. 66). Percorriam quilômetros com quase nada para comer.

¹³ Os Cangaceiros de Paulo Afonso são o grupo cultural – como se denominam – mais antigo da cidade. Assim como outros blocos carnavalescos, recebem verbas auxiliares da prefeitura para realizar a festa. Como a verba da prefeitura é insuficiente para o carnaval, cada associado (todo *cangaceiro/cangaceira* e *volante*) paga mensalidade e uma taxa específica do carnaval. A mensalidade é utilizada para manter os custos da sede (aluguel, água e luz) e para custear, juntamente com a taxa, os gastos com comes e bebes durante o carnaval.

¹⁴ É necessário pontuar que os Cangaceiros de Paulo Afonso conhecem o cangaço histórico e aqueles que não conheciam passaram a conhecer através do grupo. Nesse sentido, diferenciam-se quanto ao que denominam como *cangaceiros de verdade*. O que pontuo aqui é que o elo que o grupo tem como fenômeno histórico também é expresso nessas nuances, nessa realidade dual, onde há um cangaço histórico e um *cangaço* de Paulo Afonso.



A festa se inicia no sábado de Zé Pereira, com a construção e montagem da *barraca do cangaço* e da *barraca da volante*. As *barracas* são construídas para serem destruídas pelo grupo opositor no domingo de manhã. Como os abrigos e coitos feitos por *cangaceiros* e *volantes* na caatinga dos sertões nordestinos, as *barracas* são forradas por galhos e vegetação colhida nas áreas rurais do município. São erguidas em espaços da cidade – geralmente em praças públicas e na sede da Associação – tomados por uma noite inteira, pois os integrantes do grupo devem permanecer em suas respectivas *barracas* por toda a noite, quando recebem convidados com caldo de bode e bebida, e durante a madrugada, quando cozinham o caldo que será tomado na manhã seguinte. *Cangaceiros* e *volantes* não podem visitar a *barraca* uns dos outros, sob a pena de serem feitos prisioneiros. O restante dos dias de carnaval é marcado pela passagem nos bairros centrais e rurais de Paulo Afonso, com *fazendas* espalhadas pelo município, culminando na *morte de Lampião*, na terça-feira de carnaval, apresentada aos habitantes de Paulo Afonso em locais amplos, disponibilizados pela prefeitura. A *morte* encerra o festejo e restaura a ordem cotidiana do município de Paulo Afonso.

Gostaria, neste momento, de apontar para alguns aspectos da festa que merecem destaque: as vestimentas, a caminhada, as músicas e a *morte de Lampião*. As vestimentas dos *cangaceiros* se assemelham muito àquelas da segunda fase do cangaço histórico, quando há um incremento imagético no bando de Lampião, anteriormente mencionado – ainda que nos anos iniciais do grupo de Paulo Afonso ela fosse mais simples, pela falta de dinheiro dos *cangaceiros*; esta “simplicidade” se manteve entre os membros mais antigos do grupo. Abundam adornos: anéis, lenços, falsas pedrinhas de brilhante, rebites. Os punhais de madeira, coldres, cintos, cartucheiras, o chapéu: tudo adornado com medalhas de santos, pinturas e coloridos feitos à mão pelos próprios *cangaceiros* e *cangaceiras*. Ainda que pareçam, a um observador ocasional, um grupo que imita o cangaço histórico, não se trata de uma mimetização pura e simples. Se assim se iniciou, não é o que ocorre hoje. Ao se trajar de *cangaceiro*, são *cangaceiros*. Com isto quero dizer que ser *cangaceiro* “(...) está nas formas de agir e portar-se. Por vezes também no discurso falado, mas principalmente no que é gestual e imagético.” (AMATUCCI, 2020, p. 80). Não se nasce *cangaceiro*, se torna *cangaceiro* no seio dos Cangaceiros de Paulo Afonso. O que ocorre é que, ao trajar-se, *incorporam* suas personas *cangaceiras*, que nada mais são do que partes de si mesmos. Não é, portanto, fingir ser outro, mas ser um outro de si, ser *cangaceiro* de si mesmo. Cada vestimenta, peça, detalhe tem algo de íntimo e pessoal do *cangaceiro* que as veste – não é qualquer chapéu de *cangaceiro* que torna alguém *cangaceiro*, há uma relação



entre o *cangaceiro* e a *cangaceira* e suas vestimentas e peças. Isso vale para o nome de cada *cangaceiro*: ao tomarem o nome dos cangaceiros históricos para si, dão rosto e personalidade àqueles que um dia existiram. Portanto, não interpretam um ou outro cangaceiro que existiu, constituem a si mesmos como *cangaceiros*, tomando de empréstimo seus nomes e alguns aspectos gerais da moralidade e caráter dos cangaceiros históricos. Um exemplo disso é o fato de se entenderem e de se declararem *cangaceiros* em situações de perigos, inesperadas, exteriores ao desenvolvimento da festa (AMATUCCI, 2020, p. 94).

Podemos entender da mesma forma as composições do grupo, tocadas sempre ao som da sanfona, triângulo e zabumba: elas também misturam referências do cangaço histórico com as vivências e histórias do grupo. Se inicialmente a oposição volante e cangaceiro era uma dinâmica que remetia a uma oposição histórica, essa oposição começou a definir certas relações entre *volantes* e *cangaceiros*. Algumas composições remetem, por exemplo, aos encontros ocorridos entre Lampião e as forças volantes no século XX, mas são cantadas no contexto de encontro entre *cangaceiros* e *volantes* em Paulo Afonso, de forma que se tornaram parte integrante desses momentos, dando tom a tais encontros.

As caminhadas e andanças dos Cangaceiros de Paulo Afonso são características definidoras deste *cangaço* de Paulo Afonso. Como me disse Heleno José de Oliveira, ex-presidente da Associação Folclórica dos Cangaceiros de Paulo Afonso: “Cangaceiro é caminhada”. O carnaval dos *cangaceiros* e *volantes* e seu *cangaço* não existem sem caminhar – passar pelos bairros rurais, pelas principais ruas da cidade, pela casa de falecidos *cangaceiros* e *volantes*. Há também a possibilidade dos *cangaceiros* e *volantes* tomarem rumos inesperados, pois o inesperado está sempre posto ao longo do carnaval – portanto não é estranho que se tenha notícia, ao longo do festejo, de um *cangaceiro* que resolveu se aventurar sozinho ou acompanhado, fora do bando – o que não ocorre na *volante*, que segue com rigidez as ordens de seu *Capitão*. Ao caminhar, o grupo recupera um ponto importante do cangaço lampiônico: a mobilidade e a constituição de território. No caso dos Cangaceiros de Paulo Afonso, trata-se de constituir território onde originalmente não havia um. A Chesf, até determinado momento da história do município, definiu o que era cidade e espaço – criando a infraestrutura urbana, mas murando-a –, os *cangaceiros*, por sua vez, territorializaram e criaram espaços além-muro, tornando “cidade” o que não era considerado “cidade”. A importância de caminhar reside no contínuo ato de constituir território em Paulo Afonso, uma questão historicamente constituída



dentro do grupo: trazer suas narrativas de origem para a cidade. O grupo se faz a partir da sua própria historicidade. Suas memórias e sua história passaram, ao longo dos anos, a serem aquelas lembradas e recontadas dentro do grupo – as histórias dos encontros e grandes brigas entre *volantes* e *cangaceiros*, as histórias das andanças, das festas, das aventuras, as anedotas e os causos do *Capitão Lampião*.

O último dia de carnaval, a terça-feira, encerra o festejo, da forma como historicamente ocorreu. A narrativa termina com *Lampião* e seus *cangaceiros* surpreendidos pelas *forças volantes*, tombando pelos tiros desta – sendo os últimos a morrer *Maria Bonita* e *Lampião*. O desfecho encerra o tempo da festa devolvendo a ordem ao município, uma vez que durante o carnaval um bando de homens e mulheres saem pelas ruas da cidade lutando entre si e dando tiros de festim, modificando a paisagem urbana. As pessoas, seus veículos, os espaços em comum, se dobram aos *cangaceiros* e *volantes* que tomam os espaços para si com seus combates. Há, portanto, uma ocupação efetiva dos territórios da cidade. Esses espaços – ainda que a *morte* ocorra em um local designado pela municipalidade – são muitas vezes tomados pelo grupo. Existe uma diferença entre um espaço concedido e um espaço tomado: a diferença é quem dita as regras. Os Cangaceiros de Paulo Afonso, desde 1956, constituíram território para além da Chesf ao criar um bando longe dos seus domínios onde quem ditava as regras de convivência era *Lampião* (AMATUCCI, 2020, p. 57-59).

A *morte* restaura também a ordem histórica dos eventos. Como disse, a festa abre um tempo de exceção em relação ao cotidiano e o carnaval, particularmente, propicia uma inversão da ordem que se dá, por exemplo, no fato dos *cangaceiros* serem sempre em maior número do que a *volante* e levarem a melhor em quase todos os combates. O tempo da festa, portanto, permite que certos eventos, findos no tempo histórico, aconteçam novamente – a Páscoa é um dos melhores exemplos disso, ainda que a localização temporal da morte de Cristo seja imprecisa. É possível que um certo *cangaço* volte a existir em todo carnaval. É possível que homens e mulheres se trajem como *cangaceiros* e *volantes*, tomem os espaços da cidade como seus, e combatendo, festejando, cantando a vida de *Lampião*. A memória do cangaço histórico é vivida pelos Cangaceiros de Paulo Afonso.

A memorização do cangaço histórico pelos Cangaceiros de Paulo Afonso traz aspectos importantes sobre o fenômeno, ela recupera suas características definidoras e aquelas que mais



marcaram a massa “anônima” sertaneja que viveu no mundo do cangaço: a mobilidade, o festejo, a riqueza das vestimentas, o poder de mando de Lampião. Ao mesmo tempo, recupera a importância desses sertanejos que tiveram parte na história do cangaço ao contar e recontar as histórias de Lampião e seus cangaceiros e cangaceiras – são as formas como os vestígios do cangaço foram apreendidos pelos contemporâneos aos acontecimentos, assim como continuam a marcar e chegar às gerações que se sucedem. “O estudo da memória através dos Cangaceiros de Paulo Afonso aponta para o inevitável elo que a memória mantém com a história e o ponto onde se separam – onde ela passa a criar algo novo” (AMATUCCI, 2020, p. 148).

Referências Bibliográficas

AMATUCCI, Isabela Mouradian. **Sentidos da memória**: a experiência do cangaço em Paulo Afonso - BA. 165f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo: São Paulo, 2020.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: **Textos escolhidos/ Walter Benjamin, Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Jürgen Habermas**; traduções de José Lino Grünnewald [et al]. – 2.ed. – São Paulo: Abril Cultural, 1983 (Os pensadores).

CHANDLER, Billy Jaynes. **Lampião**: o rei dos cangaceiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CLEMENTE, Marcos Edilson de Araújo. **Lampiãoes Aceso**s: a Associação Folclórica e Comunitária dos Cangaceiros de Paulo Afonso, BA e os processos de constituição da memória coletiva do cangaço (1956 -1988). Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciência Humanas da Unicamp, Campinas, 2003.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

FONTES, Oleone Coelho. **Lampião na Bahia**. Salvador: Ponto & Vírgula Publicações, 8ª Ed.,2010.



HUBERT, Henri. **Estudo Sumário da Representação do Tempo na Religião e na Magia**; organização e edição Rafael Faraco Benthien, Miguel Soares Palmeira, Rodrigo Turin. Edição bilíngue e crítica. São Paulo: EDUSP, 2016.

JASMIN, Élise. **Lampião, Senhor do Sertão**: Vidas e Mortes de um Cangaceiro. São Paulo: EDUSP, 2016.

LIMA, João de Sousa. **Lampião em Paulo Afonso**. Paulo Afonso/BA: Fonte Viva, 2003.

LUSTOSA, Isabel. **De olho em Lampião**. São Paulo: Claro Enigma, 2014.

MARQUES, Ana Cláudia. Pactos e Rupturas e Arranjos: Rumos de um Cangaceiro. In.: MARQUES, Ana Cláudia, BROGNOLI, Felipe Faria & VILLELA, Jorge Luiz Mattar. **Andarilhos e Cangaceiros: A Arte de Produzir Território em Movimento**. Itajaí: Univali, 1999.

_____. & VILLELA, Jorge Luiz. O poder e o território do bandido: reflexões sobre Lampião, o Rei do Cangaço. PPGAS – UFSC, **Ilha Revista de Antropologia** – Florianópolis, n. 0, outubro de 1999, p. 119-138.

_____. Founders, ancestors and enemies. Memory, family, time and space in the Pernambuco Sertão. **Journal of the Royal Anthropological Institute**, 19(4), 2013, P. 716-733.

MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do sol**: violência e banditismo no Nordeste do Brasil. São Paulo: A Girafa, 5ª ed., 2011.

SÁ, Antônio Fernando de Araújo. **O cangaço nas batalhas da memória**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011.

SILVA, Antônio Galdino da. **De Forquilha a Paulo Afonso**: Histórias e Memórias de Pioneiros. Paulo Afonso/BA: Editora Fonte Viva, 2014.

VILLELA, Jorge Luiz Mattar. Cangaço Banditismo Nômade. In.: MARQUES, Ana Cláudia, BROGNOLI, Felipe Faria & VILLELA, Jorge Luiz Mattar. **Andarilhos e Cangaceiros: A Arte de Produzir Território em Movimento**. Itajaí: Univali, 1999.



JORNAIS

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. “Lampeão na Bahia”. **Jornal do Recife**, Recife: 15 de jan. de 1931, Ano. LXXIV – N. 11. p.2. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 20 dez. 2020.

SITES

Cinemateca Brasileira. Base Filmografia Brasileira. Disponível em: <http://cinemateca.org.br/filmografia-brasileira/> . Acesso em: 20 dez. 2020.

Companhia Hidro Elétrica do São Francisco. Portal Corporativo da Chesf. Disponível em: www.chesf.gov.br Acesso em: 24 ago. 2020.

Recebido em 2020-09-11

Aprovado em 2020-12-15

Publicado em 31-12- 2020

